



# A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) . . . . .	48000
QUINZE ANOS (até ao fim deste anno) . . . . .	820000
SEMESTRE (26 numeros) . . . . .	25000
NUMERO AVULSO . . . . .	1000
SUPPLEMENTO . . . . .	500
NUMEROS ATRAZADOS . . . . .	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS . . . . .	10000

ESCRITORIO E REDACÇÃO  
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Pedro Rabello*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

Direcção de *José Barbosa*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 21 de Novembro de 1895

N. 29

## A CIGARRA

*Andorinhas* — o delicado trecho em verso que hoje publica a *Cigarra* — é producção de uma nossa gentil patricia, volvida á Patria apóz a lucta tormentosa do Sul.



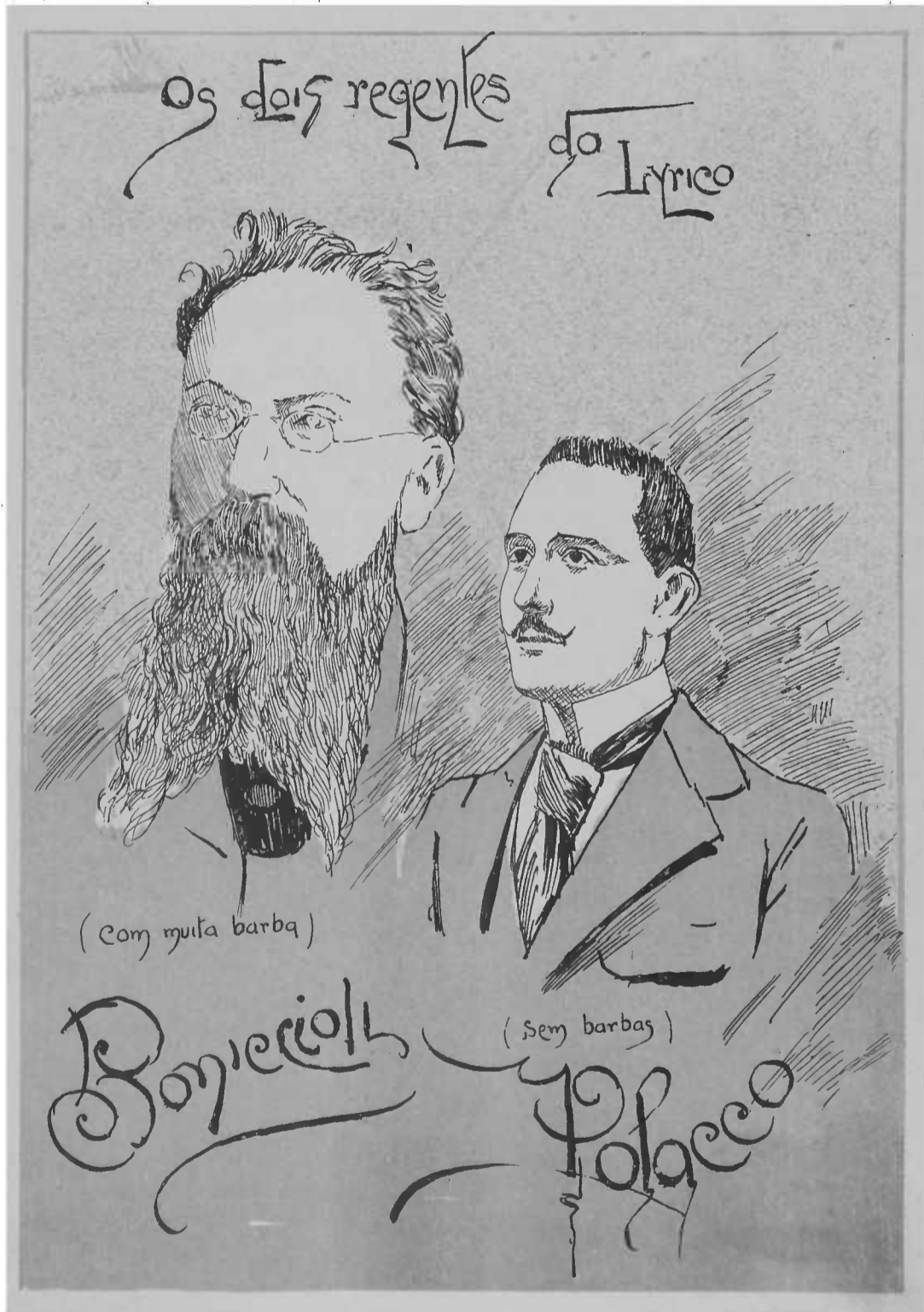
A empresa da *Cigarra* lembra aos srs. assignantes d'esta illustração que a 1 de Janeiro suspenderá todas as assignaturas que, terminando em 31 de Dezembro, até então não tiverem sido renovadas.

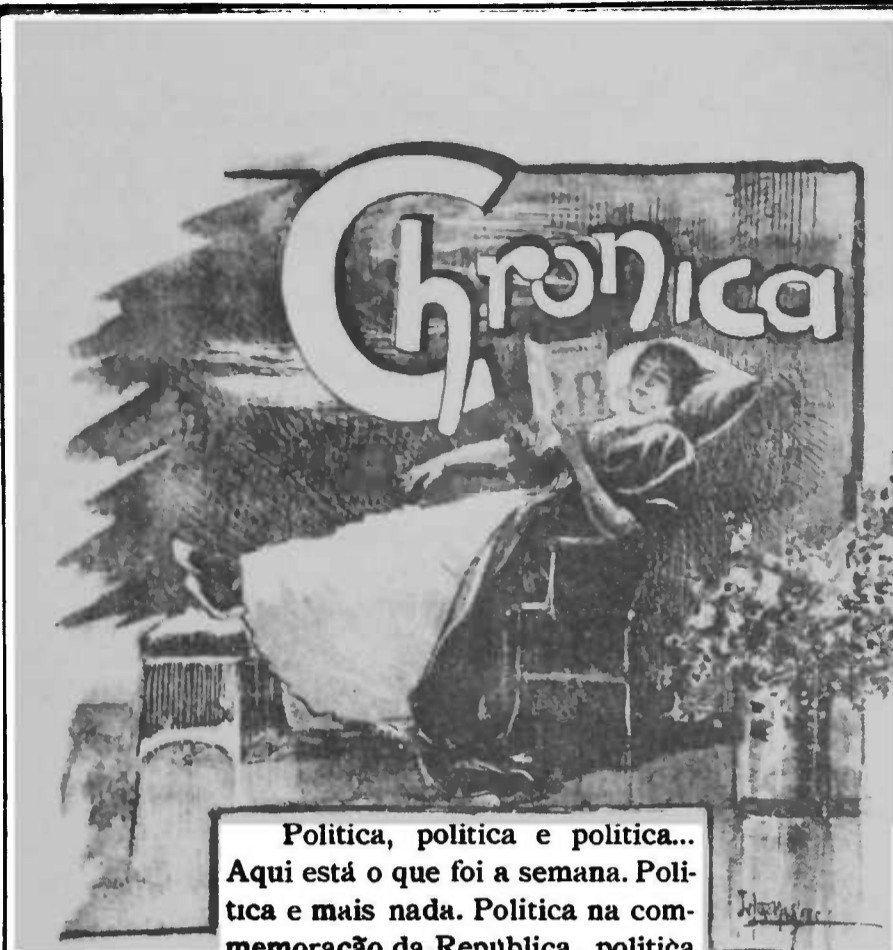


Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos aos nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



Toda a correspondencia de redacção deve ser dirigida a PEDRO RABELLO, director litterario, e todas as reclamações, pedidos de assignaturas, propostas de agencias nos Estados, e mais negocios relativos á gerencia da *Cigarra* devem ser tratados com JOSÉ BARBOSA, director-gerente.





Politica, politica e politica...  
Aqui está o que foi a semana. Política e mais nada. Política na comemoração da Republica, politica

no manifesto monarchico, politica no apparecimento do *Brasil*. Já por ahi se deve estar vendo que, pelo menos hoje, será trabalho inutil procuraŕ nesta *Chronica* que habitualmente não é politica, ou procuraŕ n'*A Politica*, que é habitualmente uma chronica, outra nota que não seja essa, unica da semana, politica, politica, politica...



As festas de Novembro... Não serei eu quem lhes venha fallar do brilhantismo com que ellas se effectuaram este anno. O que houve não é ainda o ideal no genero; mas é com certeza cousa muito para louvar.

O que lhes quero dizer, em duas linhas, é que a rua do Ouvidor descobriu este exquisito meio de contribuir para o luzimento e para o brilho de uma commemoração qualquer; — a rua do Ouvidor deixou-se ficar completamente ás escuras.

Completamente, não, dir-se ha; e quem quer que o diga appellará porventura para a iluminação habitual que ella ostenta em meia duzia de candieiros a que se pretendeu dar, talvez, uma importancia de marcos kilometricos, pela distancia que guardam entre si. Realmente, a iluminação habitual da rua, nos dias uteis, não foi totalmente supprimida desta vez. Mas essa iluminação lembra-me o final de acto de uma revista de anno.

Pesadas trevas iam gradualmente cahindo por toda a scena — « Oh! diabo! — exclamava então um sujeito — pois a esta hora já está a escurecer assim? » E um outro sujeito dizia, fleugmatico e conhecedor da sua terra — « Ah! já sei... E' que estão a accender os lampiões da iluminação publica! »



O manifesto monarchico depõe contra a *Rotisserie parisienne*. Não parece ter nascido n'um estardalhaçante final de banquete escolhido e farto. Vem atacado de uma fraqueza que presuppõe nada menos de seis annos de jejum. Pequeninico e anemico, mal se pôde ter nas pernas e não ha de levar muito longe as unctuosas e devotas palavras do sr. João Mendes. Falta de bifes sangrentos e de vinho do Porto á discrição.

Como extensão em tiras, ou como escolhida arma de

propaganda, não se pôde dizer que seja um manifesto estirado, o que, aliás, não exclue a hypothese de que os seus signatarios se houvessem espichado de uma vez.

E' manifestamente futil e não ha de lograr grande fortuna, a não ser que o incluam no rol das cousas que a gente escolhe de preferencia para rir.



Em compensação, tambem o *Brasil* está que é um louvar a Deus de gatinhas.

Para dar idéa do apreço que os da sua egrejinha ligam ao santo trabalho de preparar a volta d'El-Rey, basta notar que o *Brasil* se propõe apparecer apenas duas vezes por semana. Para edificação dos povos é pouco e não é pratico. Nesse ponto, prefiro-lhe a *Opinião Nacional* do sr. Andrade Figueira; este pelo menos não chegou a fazer fiasco porque, aliás, tambem nunca chegou a apparecer.

Mas ha outra razão contra o *Brasil*.



No sabbado ultimo, dizia-me um sujeito:

— Veja você! O *Brasil* monarchico sae-nos ainda mais caro do que o *Brésil Republicain!*

Ora essa razão do preço é convincente.



Porque ha umas razões muitissimo convincentes e que a gente apprehende n'um pulo porque nos vão logo direitinhas á bossa mais adequada e melhor.

Mas ha outras razões ainda mais convincentes — são as que se não limitam a ir logo á bossa apropriada; tocam-nos ao mesmo tempo a bossa e o bolso. Essas a gente inda as apprehende mais depressa, com a convicção de quem entende e de quem paga.

O *Brasil* está perdido se não reduz o preço da venda por exemplar. E com franqueza — 200 réis para ler o Sr. Ferreira Junior é um bocadinho puxado.

Proponho-lhe este dilemma ou reduz á metade o preço da venda avulsa, ou reduz o sr. Ferreira Junior á metade.



A semana foi mais do que politica, foi toda ella restauradora; e para que essa nota de restauração ainda mais se accentuasse, até n'um dos seus dias um restaurante novo se abriu.

Pierrot.



A *Cigarra* assistiu ás festas de Quinze de Novembro e tem o maior prazer em salientar d'aqui o muito que para ellas concorreu a illustrada commissão directora da Exposição Industrial. A abertura d'esse glorioso certamen e a esplendida revista naval de sabbado ultimo constituiram com a parada, o grande attractivo dos festejos que já toda a imprensa relatou e que toda a população tanto applaudiu.



Não ha negar que o manifesto monarchico foi uma excelente pilhéria. Jornal para rir, a *Cigarra* estaria agora obrigada a inseril-o na integra se lhe não faltasse, menos do que disposição, o espaço que lhe é precioso e que ella por conseguinte não pode baratear.

×

A mim, a impressão que me deixa o manifesto é a de que os restauradores precisam de que alguém os restaure primeiro a elles. Para a elaboração dessas primeiras palavras aos seus crentes já lhes pareceu acertado pedir um pouco de animação ao *crème d'asperges* e ao *jambon de Buyonne* da *Rotisserie Parisienne*. Para outra vez irão ao *Sereia*, ao *Hotel de France* ou ao *Grand Hotel*... Quem sabe lá até onde pode ir um restaurador sequioso e faminto, ávido de principes e de *gigot de mouton*?

×

Emfim, o manifesto sempre declara que os restauradores não querem a revolução. Querem o imperio, e um soberano que ainda se não assentou bem quem será, e mais um parlamento que demitta ministros e que os faça, mas tudo isso nos termos da lei, dentro da Constituição.

Aqui começa um raciocinio do meu compadre Melchiades...

O processo para chegar ao resultado que desejam os restauradores é naturalmente uma revisão constitucional. Ora revisionista é tambem o Sr. Nilo Peçanha; é até revisionista historico. Acabava-se de promulgar a Constituição, quando o Sr. Nilo, inspirado e suando, em S. Christovão, ao sol, declarou que a revisão della era uma necessidade urgente para o paiz. (*applausos, felicitações*).

Muito bem; os restauradores são revisionistas, a revisão é prevista na Constituição da Republica, a Constituição é a bandeira do partido do meu honrado chefe Gicerio...

Aqui acaba o raciocinio pela seguinte conclusão:

Tudo isso cabe dentro do partido republicano federal.

×

Fallemos sério.

Os restauradores vão trabalhar com ordem, com cuidado, com cautela. Muito bem; mas, se me permittem, direi ao partido monarchico que isso ainda não é tudo. Desde que vão trabalhar com cautela, e attento o seu estado de fraqueza, seria bom que trabalhassem logo de uma vez com cautela e caldo de gallinha.

Marcial.

## ANDORINHAS...

(SCHERZO EM CYTHARA)

I

Lembras-te? Quando, outr'ora, vinhas  
A primavera anunciar,  
Subito, em volta do meu lar,  
Esvoaçavam andorinhas...  
Eras o sol das avesinhas,  
E eras o sol do meu amor  
E para as amarguras minhas,  
Tinhas o balsamo melhor!

II

Para meu lar já não caminhas;  
Morrendo as arvores estão...  
E que de rosas pelo chão!  
Que desoladas avesinhas!  
Fugiste ás cóleras caminhas  
Dos frios ventos hybernaes...  
E foste, como as andorinhas,  
E não voltaste nunca mais!

Margarida d'Almeida



## DO INTERMEZZO

(H. HEINE)

Gemem as flautas, languidos violinos  
Soluçam, trompas resoando estão...

Outrem hoje a possue... Laços divinos  
Deram-lhe a amada de meu coração!

Soem trompas, e flautas, e violinos,  
Cresça o melodico diapasão...

No céu azul os anjos pequeninos  
Commigo soluçando ficarão..

Pedro Rabello.

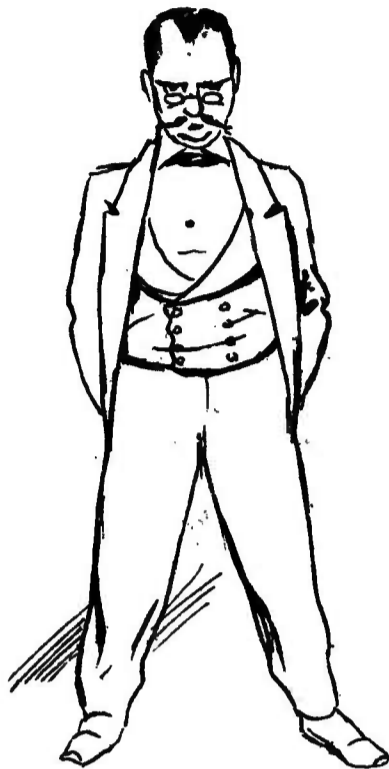




## QUESTÃO DE TOILETTE



— Um convite para o passeio marítimo.



— Como diabo se vai a um passeio marítimo? Impossível ir de casaca ou de smoking. De sobrecasaca também não -- a sobrecasaca está indicada para enterros e eleições...



— Só assim...

## CRAVOS BRANCOS

Domingo. « Bello dia! » — exclamo em casa, logo pela manhã. « Bello dia! » — repete-me o meu canario. « Bello dia! » — gritam-me cravos brancos, estremecendo ao alto das tremulas hastes finas...

Quarto a dentro, pelas duas janellas abertas, vem todo um banho de sol. E para logo, salto da cama. « Que diabo temos nós com isso? » — perguntarão os senhores. Nada; os senhores não tem cousa nenhuma com isso. Mas a verdade é que eu saltei da cama logo pela manhã.

« Bello dia! divirtamo-nos! » — gritei. « Divirtamo-nos! » — estridulou o canario. « Divirtamo-nos! » — pareceram-me dizer os cravos. Olhei em roda; pessoa nenhuma, cousa nenhuma, desapprovava aquella idéa da bella da pandega. D'ahi, talvez, n'um azulado quarto que eu conheço, se me tivesse visto, alguém sorrindo, me haveria impedido de sahir... Tu, por exemplo, Amada minha, pallida e doce creatura...

—\*

Tu, porém, aquella hora, dormias tranquilla e calma. Adoptei o regimento da camara. « Os senhores que concordam com a pandega queiram-se levantar! » O canario alçou mais a cabecinha loura, levantou-se tanto quanto se pôde levantar um canario; os cravos esticaram-se nas delgadas hastes, finissimas e tremulas. O sol ia se erguendo aos poucos, no céu. Eu já me havia levantado da cama. Tã — amiga minha — não te levantaste porque ainda dormias aquella hora. E embora te houesses deixado ficar deitada, na cama, a maioria já estava do meu lado. « Foi approvada a pandega! » — anunciei. Não houve palmas nas galerias, nem applausos, nem felicitações.

Mas a pandega estava approvada. Vesti-me a correr. Toca para as corridas! N'isto, lembro-me de que as corridas eram no Hyppodromo. Lá é que me não pilhas! E tomei o bond para a

cidade. O canario ficou, tã também ficaste — Amada minha! — mas os cravos brancos vieram commigo no bond.

—\*

Trouxe-os ao peito. Que doces, que adoraveis, que perfumados cravos brancos! Estavam que não cabiam em si, nem me cabiam na lapella, tão pouco. Falta de habito! Accommodei-os bem, acariciei-os com as mãos. « Fica à vontade, meu velho! » — segredei ao maior. E nisto, dou com os olhos n'um rapazinho de *pince-nes*, roupa clara, polainas, rosa amarella ao peito, voltado para mim, todo aberto n'uma grande gargalhada sardonica. Amada minha! que bem fizeste em não vir commigo para a cidade.

O canalha ria-se dos meus cravos brancos. Se eu trouxesse violetas á lapella, se trouxesse um bocado de myosotis, uma rosa, um amor perfeito, uma simples folha de malva, estaria muitissimo no tom. Mas trazia cravos brancos... Vê tu o grande crime! Trazia cravos brancos, era por força sujeito da Praia Formosa ou de Estacio de Sá! E o canalha desandou-me na cara aquella gargalhada que foi o escandalo de todo o bond — um bond largo e cheio, pleno de gravebundos homens e de rissonhas damas, buliçosas e alegres, frescas e tenras como alface.

—\*

« Nunca mais te lembres de levar cravos brancos ao peito... » — dirás. Mas agora é que eu vou andar cheio de cravos brancos. E' um desaforo; desculpa-me a palavra, mas é um desaforo. Pois não é tão perfumoso o cravo, tão delicado, tão simples? Pois não é mil vezes preferivel aquella estúpida rosa amarella que trazia o canalha do *pince-nes* e das polainas? Não, minha flor, agora é que eu vou andar cheio de cravos brancos — pelo menos porque elles significam a realização d'aquillo que tantas vezes nos temos segredado por estas claras e perfumadas noites de luar...

Prospera.

## SORRENTO

Sob um véo de saphira transparente,  
Das laranjeiras transpirando a essencia,  
Mostra Sorrento a languida apparencia  
De uma noiva sonhando eternamente.

No fogo do verão, no gêlo albente  
Lembra do Tasso a mystica dolencia...  
Sentindo sempre do Vesuvio a ardencia  
E do Tyrreno a viração gemente.

Encravada no dorso da collina,  
Na solitaria encosta do fraguedo,  
Como um branco lilaz de neve alpina.

E' Sorrento um mysterio, um ninho lèdo  
Que boiava na vaga esmeraldina,  
E que a vaga atirou sobre o rochêdo.

Rodrigues de Carvalho.



## AO MAR

Amo-te sempre, ó mar! Amo-te as bellas  
Transformações grandiosas que apresentas,  
Ora ondulante, a balançar as velas,  
Ora batido de infernaes tormentas!

Quando no espaço as nuvens turbulentas  
Despedaçam-se ao sópro das procellas  
E, revoltado, o teu furor ostentas,  
Que cyclopica força não revelas!

Em meio de contrarios elementos,  
Bramir dos raios, sibilar dos ventos.  
Convulsionar do pélagos insondavel,

Eu quizéira casar notas troantes  
A's tuas symphonias retumbantes,  
O' immortal Beethoven formidavel!

Damasceno Vieira.



## VIDA NOCTURNA

Pasmaceira geral. Noites estupidas como o famoso manifesto restaurador.

O que nos vale é a exposição aonde se vae, por gosto, ver... mulheres bonitas, que aliás não estão expostas.

Quer dizer: expostas estão ellas a ouvir coisas lisongeiras como, por exemplo:— Que bonita moça!— Ai, que lindos olhos! etc.

E' não dar pela coisa e seguir o seu caminho, ou dar e soltar um desdenhoso muchocho.

Oh! o muchocho da brasileira é uma coisa ideal, não acham, meus senhores?

E occasiões ha em que o muchocho é quasi um beijo...

A companhia lyrica deu-nos os *Palhaços*, de Leon Cavallo, o compositor mais zoologico de que ha noticia.

Essa opera não é precisamente um primor musical; hão de convir, entretanto, em que o *maestro* Cavallo não é nenhuma besta.

Lendo o cartaz, um velho *habitué* do Polytheama fazia a seguinte reflexão:

— Palhaços... cavallo... D'esta vez o publico não tem de que se queixar!

Dialogo no saguão do Lyrico:

O Bartholomeu. — Este Boniccioli é um regente desigual... umas vezes é calmo e outras agitado...

O BRITO. — Que quer? Elle não tem estado em companhias de primeira ordem.

O BARTHOLOMEU. — Sim, eu já tinha observado que aquillo é effeito de más companhias.

Andam os criticos do *Jornal do Commercio* e do *Pais* empenhados n'uma grave questão, que ameaça gastar oceanos de tinta Sardinha.

O do *Jornal* diz que é um si natural e o do *Pais* affirma que é um dô de peito a nota soltada pelo tenor Villalta no *Trovador*, quando corre a salvar a *madre infelice*.

A questão ameaça tomar as proporções das do Amapá e da Trindade. Será talvez necessario recorrer ao arbitramento.

A proposito de *madre infelice*:

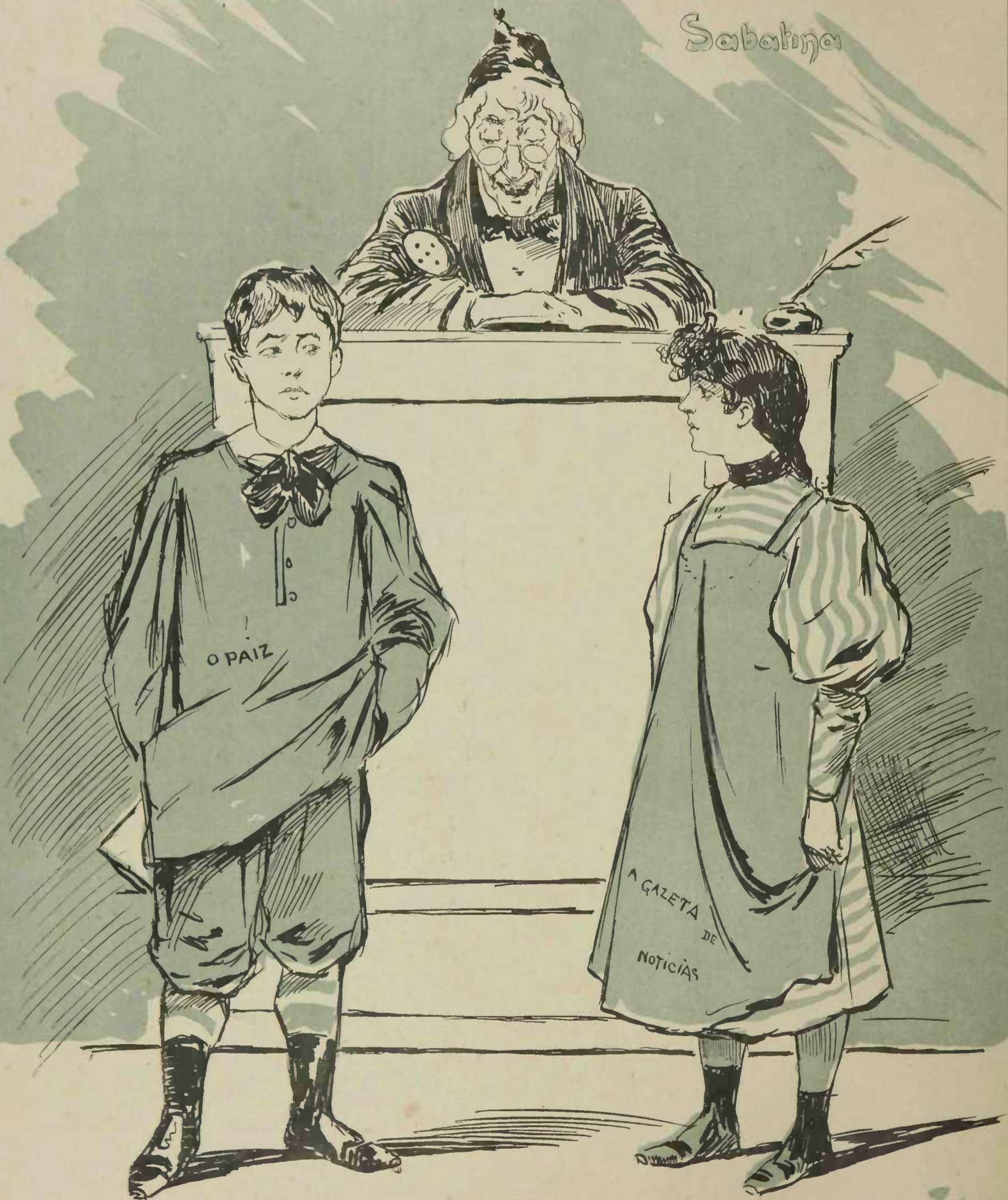
A prima-dona Bassi pede-nos para declarar que não é verdadeiro o boato, que corre, de ser ella mãe do *maestro* Bassi, que veio ao Rio de Janeiro com algumas companhias do empresario Ferrari.

O S. Pedro deu um tiro com a *Nossa Senhora da Bonança*, uma peça maritima como todos os diabos. Nossa Senhora!

João Piloto.

# AULA DE GRAMMÁTICA.

Sabatinha



— Os meninos não reviram a syntaxe! Ai, ai!..